

A fúria de Medéia e a conquista do amor próprio

SANTOS, Keila Leal (Psicologia\Unibrasil)

Orientador: RANZI, Caetano Fischer (Psicologia\Unibrasil)

O presente artigo aborda o sentimento de fúria que, quando considerada negativa, é reprimida, diante desta atitude ela retorna como força destrutiva. Um processo simbólico no qual forças internas se apoderam do ego para reivindicar seu local de direito. Somos tomados por estes conteúdos inconsciente e não nos damos conta dos perigos de reprimirmos nossa autenticidade para vivermos em sociedade, uma atitude adquirida para adaptarmos à aspectos exteriores. Tal fúria, quando aceita, pode nos conduzir a um caminho em direção à nossa essência, ao si mesmo.

Palavras Chave: Fúria, Complexo, repressão.

Introdução

Em processo de graduação do curso de psicologia, na realização dos estágios um necessariamente me chamou muito a atenção, um olhar ao qual eu identifiquei muita fúria, ressentimento e ódio. Este olhar ao qual a mim não encontrava explicação, pois vinha de uma criança. Ao indagar este sentimento de fúria me surgiu uma imensa curiosidade. Este sentimento foi crucial para dar início a este trabalho, pois aquilo me amedrontava e ao mesmo tempo me instigava em descobrir seu sentido, me perguntava como poderia um sentimento tão devastador dentro de uma criança. Não sabia eu que estava de frente a um espelho onde aquele olhar refletia meus próprios medos.

Para a psicologia Junguiana somos seres complexos¹, movidos por forças emocionais e instintivas que desconhecemos ou desconsideramos a fim de nos posicionar aos aspectos realistas da sociedade, ou seja, uma razão externa que demanda um ego ideal.

Segundo Jung nossa psique² possui matérias de origem pessoal e coletiva. Denominado inconsciente pessoal e inconsciente coletivo, fruto de nossas experiências pessoais e estruturas predeterminadas presentes em cada indivíduo respectivamente. No Inconsciente pessoal estão nossas vivências e nossas repressões, no inconsciente coletivo estão as estruturas arquetípicas universais de toda a humanidade.

¹ Jung natureza da psique

² Iden 1

O inconsciente se manifesta através de símbolos que se expressam em forma de imagens arquetípicas, na qual há um símbolo que manifesta os conteúdos psíquicos do inconsciente coletivo. Provocam uma ação mediadora em busca da totalidade.

A Sombra como centro do inconsciente pessoal possui uma parte esquecida, desvalorizada, desejos, memórias e experiências que são rejeitadas pelo indivíduo como incompatíveis e contrárias aos padrões e ideais sociais que se manifesta através das projeções. Uma maneira com a qual nossos conteúdos internos tentam chegar ao consciente.

As projeções ocorrem de forma que tudo aquilo que é nosso é transferido no outro, pois é mais fácil esconder-me em acusações no próximo do que aceitar o que me é desagradável, uma forma dos materiais inconscientes virem à tona.

A parte rejeitada retorna com uma força destrutiva em prol de um processo que Jung determinou processo de individuação, onde o ser encontra sua verdadeira natureza que o torna diferente entre os outros uma singularidade mais íntima, incomparável, significando também que nos tornamos o nosso próprio si mesmo, obtendo o self como centro da psique. A unificação dos polos uma integração dos arquétipos da psique (ego, self, persona, animus, anima) é aceitar o bem e o mal, a sombra e o consciente a luz e a escuridão o feminino e masculino. Quanto mais conscientes nos tornamos de nós mesmos através do autoconhecimento mais se reduzirá a camada do inconsciente pessoal que recobre o inconsciente coletivo.

Segundo Jung somos tomados por complexos autônomos, que se manifestam em momentos de intensos sentimentos Silveira (1981) explica a manifestação dos complexos da seguinte forma:

“ Os complexos são agrupamentos de conteúdos psíquicos carregados de afetividade. Com põem-se primariamente de um núcleo possuidor de intensa carga afetiva.[...] Dos complexos depende o mal ou o bem estar da vida do indivíduo. Eles podem ser comparados, a infecções ou a tumores malignos que se desenvolvem sem qualquer intervenção da consciência. Como demônios soltos infernizam a vida no lar e no trabalho. Todavia é preciso acentuar que na psicologia jungueana os complexos não são, por essência, elementos patológicos.” (pg. 30, 31).

O presente trabalho aborda o sentimento de fúria que através da posse dos complexos ao ego desencadeado por um estímulo externo pode trazer dor, mas também autoconhecimento, significativo para o processo de individuação.

Através da apresentação do mito de Medeia poderemos identificar a fúria e sua expressão simbólica, que através de sua personalidade forte adquiriu grandes conquistas para seu esposo Jasão, provou que antes de seu amor a Jasão amava a si mesma e quando rejeitada traz a tona seus instintos primitivos. Uma forma de não subestimarmos a força do feminino uma abstração arquetípica inconsciente que vem de forma imponente, importante para o processo de individuação.

FÚRIA

Um sentimento tão comum que pode trazer a tona, forças que desconhecemos.

Segundo Jung nosso sistema psíquico possui complexos autônomos estes não dependem de nosso controle, mas reagem as suas próprias leis. Podemos definir como complexo um conjunto de imagens ou ideias repletas de carga emotiva, possuindo como centro os arquétipos. Esta reação não ocorre por acaso, mas sim com a finalidade de unificação, desenvolvimento e crescimento³ da psique. Quando não se é admitido a voz dos conteúdos inconscientes, estes se tornam complexos perturbadores em busca de adaptação da realidade externa ou seja a percepção do mundo é influenciada por estes conteúdos autônomos. Para isto tais complexos por vezes se apossam de outro importante complexo: o complexo do eu. Este complexo constitui o centro da consciência ele fornece um sentido de consistência e direção em nossas vidas conscientes, Nice da Silveira o define possuindo, “elementos numerosos formando, porém, unidade bastante coesa para transmitir impressão de continuidade e de identidade consigo mesma.” (1981; pg. 63).

Quando há o contato entre os complexos traz-se conteúdos inconsciente á luz da consciência. Jung define que tal contato caracteriza um complexo que se “constela”:

“Este termo exprime o fato de que a situação exterior desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão "está constelado" indica que o indivíduo adotou uma atitude preparatória e de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida.[...] Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria.” (2000; Pg. 18,19).

³ Este crescimento se dá pelo processo de individuação, refere-se ao conhecimento de nossa singularidade mais íntima. Jung (2000).

Segundo Whitmmot (1991), o complexo tem duas grandes intensidades de manifestação: identificação e a identidade. O primeiro é mais leve e o segundo mais intenso. A identificação ocorre quando imitamos um comportamento, ou seja, quando ego se assemelha ao impulso, sendo mais poderosa a identidade é quando o ego assume a personalidade do outro não distinguindo como não pertencente a si.

O processo de identidade com o impulso, o ego é possuído pelo complexo, não obtendo controle da situação, o ego desconhece a existência deste domínio e é tomado por este complexo após o domínio do complexo abrandar o ego poderá racionalizar e se perguntar “o que houve?”, explicação para o ato cometido, no entanto não é evidente e evidente por vezes ate ocasionando em um sentimento de culpa.

Certos complexos surgem depois de acontecimentos dolorosos, ou seja, experiências carregadas emocionalmente, processos traumáticos que marcam a vida do individuo e vão se agrupando e dando vida e poder aos complexos inconscientes, estes complexos pertencentes ao inconsciente pessoal que Jung denominou assim, a experiências reprimidas de cada individuo. “Uma experiência desagradável é capaz de sufocar qualidades preciosas de uma pessoa” Jung (2000, pg. 124), dando origem a um complexo inconsciente. Reescrevendo processos em sua psique.

Trata-se de conteúdos irracionais desconhecidos pelo individuo e pertencente a sua psique, fruto de suas vivências. Os complexos não possuem sua total origem em experiências pessoais, Jung denominou conteúdos do inconsciente coletivo como também pertencentes aos complexos, que possui características universais humanas, instintivas imagens arquetípicas. “Quando conteúdo do inconsciente coletivo por um motivo qualquer acumulam uma quantidade de energia, torna-se capaz de influenciar a consciência.” (Jung 2000, pg.124).

Há dois tipos de aproximação dos conteúdos inconscientes uma mais branda e outra mais intensa. Para explanar a intensidade diferente de tal proximidade Jung utilizou uma metáfora⁴, a primeira aproximação, mais branda, foi denominada de "possessão da alma", conteúdos de origem do inconsciente pessoal que no pensamento antigo, restaura a saúde por ser um conteúdo próprio restituído e quando falta adoece o

⁴ WHITMONT. Edward, C.; A busca do símbolo conceitos básicos de psicologia Analítica; Ed. Cultrix; 2002

ser. Quando este complexo se apossa da consciência há um sentimento de pertencimento. A segunda possessão, por espíritos, seria caracterizada por complexos invasores que trazem desconforto por serem materiais constituintes do inconsciente coletivo, este desconforto pode ser causado pelo fato de que estes materiais são de uma camada mais profunda da psique com conteúdos de origem universal do homem.

“A reintegração de um complexo pessoal produz um efeito de alívio ou, freqüentemente, até mesmo a cura, ao passo que a irrupção de um complexo do inconsciente coletivo é um fenômeno profundamente desagradável e mesmo perigoso”. (JUNG, 2000. Pg.122).

Considerando o pensamento de povos antigos (Jung, 2000), pode-se dizer que uma pessoa que teve um momento de fúria pode estar possuída por um demônio (um espírito). Os espíritos são complexos autônomos que são projetados e não se identificam com o complexo do eu, Aproveitando a oportunidade apresentada pela interação entre os complexos, cabe apresentar uma interação específica, importante para este trabalho, entre a consciência e a fúria.

Whitmont (1982) em seu livro retorno da deusa, apresenta os perigos de reprimimos nossa autenticidade para vivermos em sociedade, temos por autenticidade honrar as necessidades emocionais e desejos pessoais.

Podemos identificar a agressão como algo pertencente a nós, a fúria se torna presente por um significado, há uma razão dela se manifestar, por isto rejeitá-la é dar espaço para que ela cresça e se torne mais forte. A rejeição ocorre pelo fato de considerar a fúria negativa não sendo útil, mas sim destrutiva um mecanismo do ego que necessita separar o bem do mal o certo do errado com o medo de ser condenado e evitando conseqüências que possam cair como castigo.

Visando dar importância ao sentimento de fúria⁵ e a agressão como algo pertencente a nós, essencial para o desenvolvimento de um ego forte e autêntico, a vida lhe pede que para permanecer vivo é preciso lutar desde seu nascimento até o ultimo dia de sua existência esta luta referencia tomar posição as adversidades, nosso sistema imunológico é um grande exemplo instintivamente ele reage a diversas infestações que colocam o organismo em perigo mantendo um equilíbrio entre as estruturas saudáveis e as patogênicas para a sobrevivência.

⁵ WHITMONT. Edward, C.; Retorno da Deusa; 2º edição; São Paulo; Ed. Summus editorial; 1991.

Posicionar-se aos seus ideais permite um sentimento de auto-definição. É essencial para o ego em busca a sobrevivência, pois é um fator que impulsiona conduz a um caminho e estrutura um indivíduo autoconfiante, pois rejeitar a fúria como algo que não provem de si mesmo é se distanciar da completude tornando-se unilateral. Whitmont (1991. pg. 36), afirma que “a inevitabilidade de explosões de uma violência aparentemente sem sentido quando as coisas estão calmas demais as pessoas se sentem paralisadas e impotentes”, portanto a fúria deve ser respeitada e receber um espaço próprio, identifica-la como pertencente ao sistema psíquico é necessário para o processo de individuação.

“A consolidação do ego e a noção de uma identidade pessoal baseiam-se na aceitação individual e na capacidade de afetar os outros. A ausência de experiências de luta favorece uma personalidade fraca, destituída de ímpeto, de motivação e de autoconfiança. A diferenciação, a autodefinição, portanto, acontece mediante confrontos” (WHITMONT, 1991. Pg. 36).

Rejeitar a própria agressividade pode ser perigoso levando ao ato de destruição. O sistema psíquico necessita desconstruir aquilo que não permite a união consciente e inconsciente para a renovação de novos conceitos e ações, quando aceita pode ser vivida como um fator criativo. Criando uma nova possibilidade em que o negado possa ser aceito renovando a vida. A fúria quando rejeitada se agrava na forma de inveja e cobiça. Anseios insatisfeitos podem trazer à tona o instinto natural agressivo destrutivo, incontrolável.

Ainda o autor identifica este conteúdo reprimido inconsciente, como a deusa (feminilidade) que renasce com toda sua potência⁶, a busca pela feminilidade reprimida identifica a vivência em uma sociedade patriarcal, (a realidade consciente) de autoridade da masculinidade como parte pertencente e impulsionador da “lei” responsável por um ego repressor que não admite aceitar o medo, a submissão, a raiva o desejo, por serem considerados itens de fraqueza e incompatíveis com a realidade, seu retorno expressa de forma agressiva impondo seu espaço buscando a renovação exigindo seu lugar não como um fator sem valor e sim importante para a extração da essência do “si mesmo” experienciando a transcendência.

⁶ WHITMONT. Edward, C.; Retorno da Deusa; 2º edição; São Paulo; Ed. Summus editorial; 1991.

Um exemplo de fúria transformadora, que atravessa milênios, é do mito grego que trata de Medeia. De acordo com Brandão, (1987, pg. 184) “uma feiticeira, dotada de uma violência inquieta, de paixões que queimam mudanças súbitas de humor, de uma constante melancolia e de uma duplicidade criminoso, que se volta contra aqueles aos quais ela mais ama”.

MEDEIA DE EURIPEDES

Segundo Brandão⁷, o chefe dos heróis da Argo é Jasão. Seu objetivo é a busca pelo velo de ouro, uma demanda a ser cumprida a fim de recuperar o trono de seu pai.

Ao se deparar com as provas impostas pelo pai de Medeia a Jasão, ela uma poderosa feiticeira compromete-se a ajudá-lo. Sob juramento de casamento. Após ter executado as tarefas, Eetes pai de Medeia se recusa a lhe entregar o Velo de ouro. Medeia e Jasão, roubam o velo de ouro e fogem levando junto seu jovem irmão Apsirto como refém.

Quando o rei descobriu a fuga de Jasão e Medéia com o velocino, pôs-se imediatamente em busca deles. Medéia, que previa essa perseguição, esquartejou Apsirto, espalhando-lhe os membros em várias direções. Eetes perdeu muito tempo em recolhê-los e, quando terminou a dolorosa tarefa, era tarde demais para alcançá-los. Enviou vários navios em perseguição dos argonautas, advertindo seus tripulantes de que, se regressassem sem Medéia, pagariam com a vida em lugar dela.

Brandão (1987, pg. 183), apresenta Medeia como a grande vingadora de Iolco. “A mola mestra da ação criminoso da mágica da Cólquida seria seu amor por Jasão.” Pélias ao possuir o velo de ouro se recusa a entrega do trono que por direito pertencia a Jasão.

Medeia por sua vez induz as filhas de Peleias que poderiam rejuvenescer seu pai se o fizessem em pedaços e o fervesse num caldeirão de bronze em meio a uma composição mágica, cujo segredo somente ela conhecia.

Com a morte do rei de Iolco, Media, Jasão e seus filhos foram banidos de Iolco. Foram para a cidade de Corinto onde viviam em paz.

Diante da visão de Vieira (2010), Media era fiel, devota e submissa ao esposo, prova de seu amor traí sua família se exilando com Jasão em Corinto.

⁷ BRANDÃO. Junito; Mitologia Grega volume III; Petropolis, RJ; Ed. Vozes; 1987.

Medeia é traída por seu esposo. Este desposa a filha de Creon (rei de Corinto).

“Sua psique circumspecta suporta mal a dor [...]Medeia consome a vida no aposento vazia de palavras que lhe afaguem o íntimo” (Vieira; 2010; pg 25,37).

Creon pede a Medeia que desapareça de seu reino, pois teme sua presença, sabendo de seus feitos, sugere que volte a Colquida sua terra natal.

Medeia implora o prazo de um só dia, sob pretexto de se despedir dos filhos, enlouquecida pelo ódio, pela dor e pela ingratidão do esposo resolve fazer justiça.

Egeu um amigo lhe oferece ajuda para que Media se refugie em Atenas. Certa de que terá abrigo em Atenas, traz a luz seu plano de vingança.

Manda seus filhos portando presentes para a princesa, um véu (túnica de mulher), untado em um fármaco mortal para que a princesa ao tocar a túnica em seu corpo este á consuma em fogo. A princesa vaidosa, ao se deparar com o véu apresa-se em vesti-lo. Creon ao ver sua filha caída ao chão corre para abraçá-la e tem seu corpo tocado pela capa mortal, este morre junto a sua filha.

Certa de que apenas isso não seria suficiente para fazer com que Jasão pague por sua traição. Medeia mata seus filhos, mesmo os amando, para que possa gerar sofrimento em Jasão.

“nao queiram ver em mim um ser fleumático ou flébil. Tenho outro perfil. Amor ao amigo, rigor contra o inimigo, eis o que sobre glorifica a vida [...]Esta para nascer alguém que agrida um filho meu! Se ananke, o necessário, impõe sua lei indesejável, nos daremos fim em quem geramos” (Vieira, 2010; pg. 99, 121).

Vieira (2010, pg.122) define que apos ver Jasão ser consumindo em seu sofrimento, Medeia foge para Atenas certa de que havia feito justiça em um carro alado, presente de seu avô Hélios, o Sol, puxado por dois dragões ou duas serpentes monstruosas, dizendo “Saber que sofres me alivia a agrura”.

MEDÉIA FURIOSA

Medeia uma figura mitológica que apresenta sede de justiça, esta prova que não ha barreiras para conquistar o amor de Jasão, um individuo ambicioso em busca de poder e status reais.

Podemos definir que o complexo que possui Medeia, se constelou, e ou recebeu energia psíquica quando ela foi traída por Jasão, ocorrido qual ela se sentiu diminuída ridicularizada pelo rei de Corinto, a princesa desposada e Jasão. Sendo assim possuída por um espírito, no sentido, como exposto no texto, de uma conteúdo profundo e detentor de grande quantidade de energia psíquica.

Ao observarmos medeia e sua fúria, poderíamos considerá-la má e impetuosa, talvez perguntarmos “como poderia um ser dar fim a de seus descendentes para fazer jus a sua ira?”

Podemos definir, no entanto, que Medeia deu voz a seu inconsciente e a força aterrorizadora que tomou conta de seu ego, era pertencente a ela em um sentido amplo. Este arquétipo veio para integrar o consciente e sua sombra.

A voz que inconscientemente indicava que ela deveria ser reconhecida como parte importante para Jasão, como seu lado feminino reprimido. Que quando rejeitada (quem}) ganhou força e surgiu de forma destrutiva para ocupar o seu lugar de direito. A fúria como uma força arquetípica, algo provindo do fundo de seu íntimo moveu tudo e todos que estavam em sua frente. Este comportamento pode ser entendido como executado em nome do amor. Não de um amor ao externo, mas um amor à Médeia, a si mesma.

Se imaginarmos que Medeia tivesse calado sua fúria com o medo do julgamento que cairia sobre ela. Poderíamos cogitar que esse ressentimento cresceria cada vez mais e vindo de forma destruidora apontando a marca deixada pela traição de Jasão, talvez tornando-a incompleta, inibida, amarga. Ao determinar sua posição de mulher ela uniu seu ego a sua sombra em busca de readaptar-se ao seu novo ser gozando de sua essência.

“[..].estamos preparados para admitir que um funcionamento humano integral deve se basear na autenticidade pessoal. Talvez o direito humano mais fundamental seja o de ser uma pessoa absolutamente autêntica. [...]Em nome de uma conformidade social de ideal masculino de bravura, ainda reprimimos nossas crianças e as ensinamos a reprimir suas dimensões femininas subjetivas, seus afetos, sentimentos e necessidades.[...].Disso resulta uma generalizada

sensação de despersonalização, frustração, ressentimento , ódio, incapacidade de amar e insensibilidade para condição humana, nossa ou dos outros. A inveja, a cobiça e a hostilidade destrutiva dominam cada vez mais.” (WHITMONT, 1991. Pg. 30).

O que podemos aprender com a experiência de Medéia? A princípio devemos compreender que para o processo de unificação dos opostos é necessário vivenciarmos aquilo que para nós seria repugnante, aquilo que rejeitamos por ser considerado indesejável para relação com o ego. A persona, que são as máscaras vestidas por nós em âmbito social, formas de representações parciais de nós mesmos, podem abafar o indivíduo que se identifica com uma destas máscaras. Aquele vinculado a uma Persona tende a se ver apenas nos termos superficiais de seus papéis sociais e de sua fachada. A mulher pode ter varias personas, como mãe, esposa, dona do lar, trabalhadora entre outras, estas roupagens, no entanto, podem esconder sua verdadeira identidade.

Silveira expressa a identificação com a persona como: ”O indivíduo funde-se então aos seus cargos e títulos, ficando reduzido a uma impermeável casca de revestimento.” (1981, pg. 82) Sendo assim tão simples nega sua essência.

Ao vemos a posição de Medeia furiosa pode-se dizer que ela desfruta não só de sua metade boa em âmbito social, mas também sua metade má aos olhos dos outros. Sendo verdadeira com o si-mesma, seu processo de dor, ao ser menosprezada, obteve uma forma de ser extravasada em uma ação, a qual ao mostrar uma Medéia que apresentava opostos serviu para torná-la mais completa. Para Jung os opostos tendem a se unir para se tornarem novas perspectivas antes impossíveis, talvez como na fúria que acometeu o menino que incentivou este trabalho, Média ganhou, ao se enfurecer, o amor incondicional por si mesma.

Referência

BRANDÃO. Junito; Mitologia Grega volume III; Petropolis, RJ; Ed. Vozes; 1987.

JUNG. Carl, Gustav; A natureza da Psique; Tradução de Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; Petropolis; 2000; Editora Vozes; Obras completas de C. G. Jung Volume VIII2,;

VIEIRA. Trajano; Euripedes – Medeia; edição bilingue tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira; São Paulo: Ed. 34 ; 2010.

SILVEIRA, Nise da. Jung: vida e obra / Nise da Silveira – 7- ed.– Rio de Janeiro; Paz e Terra, 1981. (Coleção Vida e Obra)

WHITMONT. Edward, C.; Retorno da Deusa; 2º edição; São Paulo; Ed. Summus editorial; 1991.

WHITMONT. Edward, C.; A busca do símbolo conceitos básicos de psicologia Analítica; Ed. Cultrix; 2002